

ESPAÇO PÚBLICO DE SOCIABILIDADE DA JUVENTUDE: A TV NA PRAÇA EM SÃO JOSÉ DE ESPINHARAS/PB

Oswaldo Meira Trigueiro¹

Resumo

O presente artigo tenta fazer uma reflexão sobre a audiência da televisão no espaço público de uma pequena cidade do interior do Nordeste brasileiro. É inegável que a presença da televisão nas grandes ou pequenas cidades brasileiras interfere, está presente nos modos de agir, de pensar e de criar novas estratégias de convivência cotidiana, na rua e na casa. Pretende-se mostrar o outro lado da questão, ou seja, apontar o que a audiência faz com a televisão, como seus constituintes, os atores sociais ativos operam os vários dispositivos de interações mediadas. Na realidade, enfocam-se as tensões decorrentes de interação entre os jovens constituintes, especialmente na faixa etária dos 14 aos 25 anos, da audiência da televisão na praça da cidade de São José de Espinharas no sertão da Paraíba. A metodologia desenvolvida no trabalho de campo foi a da etnográfica da audiência e a observação participativa no período dos jogos eliminatórios para a Copa do Mundo de 2002.

Palavras-chave

Televisão. Audiência. Sociabilidade. Espaço Público. Juventude. Cidade Rurbana.

y P

Introdução



É inegável que a presença da televisão nas grandes ou pequenas cidades brasileiras interfere, está presente nos modos de agir, de pensar e de criar novas estratégias de convivência cotidiana, na rua e na casa. Com este artigo, pretende-se mostrar o outro lado da questão, ou seja, apontar o que a audiência faz com a televisão, como seus constituintes os atores sociais ativos operam os vários dispositivos de interações mediadas nas redes de comunicação cotidianas do local, na interpretação e apropriação dos produtos midiáticos ofertados pela televisão.

Na realidade, enfocam-se as tensões decorrentes de interação entre os jovens constituintes, especialmente na faixa etária dos 14 aos 25 anos, da audiência da televisão na praça da cidade *rurbana*² de São José de Espinharas no sertão da Paraíba.

Procura-se refletir, nesse texto, como se dão os processos de mediações na recepção, como são reinventados os produtos midiáticos no consumo e uso na prática cotidiana de uma pequena cidade do interior paraibano. A maioria dos jovens que moram nos municípios do



sertão nordestino usa, diariamente, a televisão para se informar, para adquirir novos conhecimentos e para seu entretenimento. É a televisão que mais oferece visões do mundo globalizado e mostra como é a vida nas cidades grandes. A televisão não inventa moda, não impõe estilo de vida, não condiciona sozinha o cotidiano desses jovens, mas é um importante veículo de comunicação capaz de regular, de determinar alguns dos novos hábitos e costumes dos que vivem em cidades rurbanas (TRIGUEIRO, 2004).

Onde fica São José de Espinharas/PB

São José de Espinharas é um município encravado no semiárido paraibano. Faz parte da microrregião de Patos/PB, polarizada pela cidade de mesmo nome, que é frequentemente castigada pela seca e com características predominantes do rural. O clima semiárido do sertão, pela escassez e irregularidade das chuvas, é um dos grandes

problemas, na atualidade, para o desenvolvimento de toda a região sertaneja. Em ano de seca, a sua frágil estrutura econômica e social fica ainda mais debilitada, a sua população mais exposta aos interesses dos políticos locais, porque vêm a fome e o desemprego desencadeando a dependência de auxílios dos programas sociais públicos, que passam a ser quase a única alternativa de sobrevivência. São



José de Espinharas, que tem uma área territorial de 739km², está entre um dos dez maiores municípios do sertão paraibano em extensão territorial e tem uma das menores densidades demográficas, com 6,96 hab/km². Situa-se a 327 quilômetros de João Pessoa, a capital do Estado. O município tem uma população de 5.109 habitantes: 3.634 na área rural e 1.475 na área urbana.



Presença de Anita na praça da televisão

Era agosto de 2001 e a seleção brasileira jogaria no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre-RS, pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coréia. A cidade de São José de Espinharas estava toda à espera do início da partida. Grupos de jovens caminhavam em direção a praça da televisão, alguns torcedores vestiam a camisa verde e amarela da seleção. Aos poucos, foi-se formando uma torcida no entorno da praça. Nas noites de agosto, no sertão, o clima é mais ameno e, na cidade de São José de Espinharas, sopra um vento frio que vem da serra, obrigando as pessoas a se agasalhar ou cobrirem-se com lençóis, porque, na praça, o vento é ainda mais forte. Estava próximo o início do jogo, mas o comentário era sobre a minissérie *Presença de Anita*, exibida no período de 7 a 31 de agosto de 2001, no horário das 22h30, sucesso de audiência em todo o país (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).



Nessa noite, a cidade viveu uma atmosfera de grande expectativa, pois a televisão transmitiria, ao vivo, o jogo do Brasil contra o Paraguai e mais um capítulo da



minissérie *Presença de Anita*. A audiência da televisão na praça era constituída de um grupo heterogêneo de aproximadamente 100 pessoas, entre homens, mulheres, adolescentes e crianças. Quando a TV Globo anunciava a exibição do próximo capítulo da minissérie para, em seguida, mostrar o jogo, ocorria uma grita geral, principalmente das pessoas mais jovens. No intervalo da partida, chegou um adolescente na faixa etária entre 14 e 16 anos, exibindo, com muito cuidado para não despertar a atenção dos adultos, um preservativo desses distribuídos pela campanha de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Foi grande a correria dos jovens para ver e pegar a camisinha, e, por alguns momentos, a atenção de uma grande parte da audiência foi desviada para a proeza do jovem que tinha, em sua posse, um preservativo. Passado algum tempo, as pessoas mais velhas perceberam a façanha do adolescente e passaram a chamar a sua atenção e reclamar que ali não era um lugar de se estar mostrando “essas coisas”, que era um lugar público e havia lá mulheres e crianças. O ambiente ficou tenso, por alguns momentos, devido às malícias dos jovens e aos reclamos dos mais velhos, que não admitiam essa atitude de “mau gosto” na praça. Um senhor, em voz alta, disse: “Vocês respeite o lugar, e não tão vendo que aqui tem gente de fora! O que vão ficar pensando da gente aqui?”. O senhor reclamante apontava na minha direção e da minha esposa, que estávamos no lugar fazendo a nossas observações, mas os jovens continuaram a exibição do objeto “obsceno” que circulava de mão em mão, entre risos e comentários que incluíam a sexualidade da minissérie. Um funcionário da Prefeitura, Peta (como é conhecido) é o responsável pelo uso da televisão na praça e do disciplinamento do horário de ligar e desligar a TV. Os jovens continuavam fazendo algazarra com a exibição da camisinha, quando Peta ameaçou que, se eles não parassem desligaria a televisão na hora do jogo da Seleção Brasileira. Em seguida comunicou que era ordem do prefeito desligar a televisão logo após o jogo de futebol. E, em voz alta, disse:

Pode tirá o cavalinho da chuva. Aqui (*na praça*), ninguém vai assistir *Anita* não!! Quando acabá o jogo, vou desligar a tevê, que isso não é programa pra menino ver. Quem quiser ver essa tal de Anita vá assistir em casa. Essa tal de Anita só tem safadeza, e vocês grita

muito, faz muita arruação na praça com essa safadeza, e os vizinhos vão reclamar na Prefeitura. Aí quem leva carão sou eu. Vou desligar, e pronto (**gravação na Praça da Televisão em ago. 2001**).

Peta chamou para si a responsabilidade de desligar a televisão, em nome da ordem pública, da moral e dos bons costumes. No espaço público da televisão na praça é o poder político que determina o tempo de uso da televisão, mas, no espaço da casa, esse uso é determinado por negociações entre os membros da família. Ou seja:

O Espaço Público das sociedades modernas evidencia, no processo do seu desenvolvimento histórico, uma tendência crescente de institucionalização, nunca chegando contudo a constituir-se como uma instituição social propriamente dita. Desde a origem até hoje, prevalece no seu âmago um certo carácter informal, derivado da forma peculiar de sociabilidade que lhe é intrínseca – os públicos (ESTEVEZ, 2003, p. 27).

A tática praticada no espaço público da praça, para o uso da televisão, é quase sempre um jogo de engenhosidade do público – nesse caso os jovens desejosos em assistir a minissérie *Presença de Anita* – e o poder público municipal, também nesse caso, representado pelo funcionário. São forças exercidas com as suas influências que poderão ultrapassar os seus próprios limites de espaço e tempo. Ou seja, tudo poderá ficar para outra ocasião, outra hora, mas as negociações não se esgotam.

Terminado o jogo, o narrador do espetáculo esportivo encerrou a transmissão, convidando os telespectadores para a próxima atração: “Fique agora com a minissérie *Presença de Anita*. Boa noite”. Em seguida, quebrando o silêncio da noite, ouviram-se os gritos dos jovens ecoar pelas ruas da cidade, em protesto pela atitude do funcionário que, logo em seguida, desligou a televisão. Os homens mais velhos saíram sem reclamar, e os mais jovens, aos gritos de protestos, foram dispersando-se pelas ruas desertas da cidade. Mas no grupo havia dois jovens mais exaltados que prometiam fazer queixa ao chefe de gabinete do prefeito e ao secretário da administração. Eles reclamavam o direito de assistir televisão na praça e não aceitavam passivamente a proibição de verem mais um capítulo da minissérie *Presença de Anita* no espaço público da cidade.

No dia seguinte, no mesmo horário, aproximadamente 60 pessoas, predominantemente do sexo masculino, entre 14 e 25 anos, aguardavam a exibição de mais um capítulo da minissérie. O funcionário acabara de comunicar aos presentes que o prefeito tinha autorizado a liberação do horário, mas era preciso que se respeitassem os mais velhos e que não se fizesse muito barulho, para não incomodar as famílias que moram nas proximidades da praça. Peta, no seu depoimento, disse:

Eles (apontando na direção dos dois jovens) foram na Prefeitura reclamar, e Paulo Camilo (chefe de gabinete do prefeito) autorizou eles assistir *Anita*, aqui na praça.(...) Já completou seis anos que tomo conta da televisão aqui. Eu ligo as 5h30 da tarde e vai até 10h00. Antigamente ia até tarde, não tinha limite não. Uma vez eu desliguei 12h00 (*meia noite*), quando cheguei em casa, a filha do ex-prefeito mandou que eu voltasse pra eu ligar de novo a televisão, que a da casa dela tava com defeito. Aí eu fiquei até 01h30 da manhã. (*o fato aconteceu quando o prefeito era José Gomes de Sousa*). Agora com o Dr. René (*o atual prefeito*), a ordem é ficar ligada até as 10h00, devido muito bêbado que chega assim, quer bagunçar, e a vizinhança perto da televisão fica reclamando. Aí eu falei com Dr. René, e ele disse que era só liberado nos dias de jogo ou em caso especial. Hoje tá autorizado até mais tarde. Depois, vamo ver como fica (**depoimento em ago. 2001**).

Assistir a determinados programas junto com os amigos, sem medo da represália dos pais ou dos mais velhos e com a liberdade de se emitirem opiniões e críticas, era motivo para as reuniões e festas dos jovens no espaço movimentado da telepraça. Assim comentava um jovem de 17 anos que, no dia seguinte, foi assistir, com os demais companheiros, ao programa na praça:

Aqui na praça, a gente fica mais à vontade pra comentar as coisa da *Anita*. Lá em casa, não dá pra assistir esse programa, pai dorme cedo e mãe não deixa; aí eu venho com meus amigo pr'aqui (*Praça da Televisão*), ver o programa (...). Na minha casa, tem televisão e parabólica, mas é melhor ver aqui. Com mais gente, fica mais animada a conversa, os comentário (**depoimento em ago. 2001**).

A negociação do contrato social de uso da televisão entre os constituintes da audiência e o poder público, representado pelo chefe de gabinete do prefeito, no dia seguinte é definida por algumas condições de comportamentos na praça. Representando os interessados em continuar assistindo ao programa na praça, na condição de mediadores

ativistas, os dois jovens negociam o novo horário de uso da televisão e conseguem a liberação do poder público. Nesse caso, o processo de apropriação da televisão pela audiência não se limita aos seus conteúdos, mas, também, ao tempo de exibição, controlado pelo poder público. As relações entre os jovens e Peta, no transcurso da semana, continuaram tensas, mas o contrato social estava sendo cumprido.



Na televisão da praça, os jovens se comportam com certa indiscrição. É um lugar mais liberal, que autoriza maiores “inconveniências” nas relações complexas de se assistir coletivamente, no espaço público, a determinados programas de televisão, quase nunca autorizados, da mesma forma, no espaço da casa. Um professor, 22 anos, segundo grau completo, morador do sítio Riacho da Roça, próximo à cidade, que leciona na área rural do município, faz o seguinte comentário sobre a audiência da minissérie na televisão da praça:

Ninguém falou da minissérie da *Presença de Anita*. Eu gostaria de falar um pouquinho. Eu faço o curso de computação aqui (*na biblioteca*) e passo aqui na praça à noite, de seis horas não tem quase ninguém assistindo (televisão), eu assisto só *A Padroeira*, a novela das seis, e quando é dez e meia por aí, quando termina o curso, aí eu venho, e a praça está praticamente lotada pra assistir a *Presença de Anita*. Eu vejo uma parte na praça e o resto assisto em casa. A minha mãe não assiste porque é muito tarde. Mas eu me encabularia de assistir aquele programa ao lado de minha mãe, eu me encabulo. Por exemplo, ela tem vergonha, que quando aparece uma cena, ela gosta muito de novela, mas se aparece uma cena forte ou uma cena que parte pro lado da pornografia, eu me encabulo, ela se encabula, todo mundo se encabula. Por exemplo, quando eu não assisto, logo de manhãzinha o meu irmão mais novo comenta, mas geralmente só nós dois. Porque é um programa que eu não aconselho ninguém assistir. Não tem uma boa história. **(depoimento em ago. 2001).**

O curso de computação³ foi realizado na Biblioteca Municipal, em três turnos, e, como é perto da praça da televisão, o jovem professor ficava ali assistindo, por algum tempo, à telenovela *A Padroeira*, exibida pela Rede Globo, de junho de 2001 a fevereiro de

2002, às 18 horas (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003), até chegar a hora do início das aulas de computação, como ele mesmo afirmou.

São várias as situações de escolha para uso da televisão e da sua programação. Pôde-se perceber que o jovem professor queria demonstrar, durante as nossas conversas, certa dúvida, se deveria assistir à minissérie na praça, talvez com a presença de alguns dos seus alunos, ou em casa, em companhia da sua mãe. Mas a telenovela *A Padroeira* é um programa que o jovem professor incentiva os seus alunos a assistirem, como modo de apropriação dos seus conteúdos para exemplificações de um Brasil colonial, na sala de aula:

A Padroeira é uma novela que, por sinal, apesar de aparecer cenas fortes, eu acabo dando incentivo aos alunos assistirem, quer dizer, eu indico alguma coisa, que é uma novela de época. Ela está mostrando, aquela novela é como se fosse o embrião brasileiro. O início, a maneira como foi tomado, como foi colonizado, como foi a postura dos poderes e... a gente percebe assim que houve algumas mudanças em relação a hoje, mas também não foi tanto assim. Ela aborda como foi o desenvolvimento, mas de qualquer forma é um retrato. Eu vejo assim! **(depoimento em ago. 2001).**

O jeito malicioso da adolescente e sedutora Anita, as cenas de nudez, de sexo e a exibição explícita do uso do cigarro pelos atores despertavam a curiosidade dos jovens, sob o olhar atravessado dos adultos. O triângulo amoroso entre a bonita e ferosa Anita (Mel Lisboa), o maduro escritor Fernando (José Mayer) e do jovem Zezinho (Leonardo Miggiórim), simplório vendedor de uma quitanda que se apaixona por ela, com a qual inicia a vida sexual, vai até as últimas consequências, na defesa de um amor quase impossível. A trama de *Presença de Anita* é uma narrativa que repete, de certa forma, a ambiguidade presente nos contos populares, da luta entre o bem e o mal, o amor e o ódio, a vida e a morte, ricos e pobres, experiências e in experiências da vida real que se mesclam nas tramas simbólicas da produção midiática. E foram essas ambiguidades que mesclaram a ficção e a realidade dos comentários na praça, comentários com insultos, risos, rejeições, aprovações e até as similitudes com os personagens e com pessoas conhecidas da cidade (LOPES, 2002).

A televisão na praça continua sendo um espaço propício à propagação das narrativas melodramáticas é um lugar aberto para os diferentes reconhecimentos e interpretações dos sentimentos moralistas, machistas, fatalistas, supersticiosos e nostálgicos. A praça da cidade sempre foi um espaço de apropriação e uso de significados populares, transformada com a inserção da televisão em espaço de hibridização sociocultural de convivência, de cumplicidade entre o moderno e o tradicional, o antigo e o novo, dos diferentes intercâmbios de significados culturais do local e os significados culturais do global.

Na televisão da praça a audiência é exercida intensamente com as diversidades de opiniões e críticas sobre os conteúdos midiáticos e suas relações com os princípios da ordem social do local.

Considerações finais

Na praça, a interpelação dos mais jovens, sobre as tramas da minissérie *Presença de Anita* é individual ou coletiva. As tramas são aceitas ou rejeitadas nas práticas da vida cotidiana dos grupos sociais ou da família. É na televisão da praça que se dão os movimentos de mediações e as resignificações das narrativas televisivas que se deslocam com maior ou menor densidade, de um lado para o outro, conforme os interesses de maior ou menor relevância dos constituintes da audiência.

A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção (SILVERSTONE, 2002, p. 33).

A frequência de jovens na televisão da praça depende do que vai ser exibido, até por que a audiência está condicionada ao grau de demonstração de interesse que cada sujeito tem para determinado acontecimento midiático, a exemplo dos jogos de futebol da seleção brasileira



e os últimos capítulos da minissérie *Presença de Anita*.

Os acontecimentos midiáticos de maiores repercussões trazem um maior número de jovens para a praça da televisão porque a rua e a praça são espaços públicos importantes de convivência, de sociabilidade, de protesto, de embates entre amigos, adversários e até inimigos. As redes midiáticas não eliminam as redes de vinculações comunitárias entre os interconhecidos que moram em cidades rurbanas, até por que cada um dos habitantes é portador dos seus próprios *ethos* (SODRÉ,2002). As casas, as ruas e as praças são espaços de lutas, de celebrações ritualistas de alegrias e tristezas, de solidariedades e de conflitos que incluem, obviamente, os conteúdos televisivos. Nas cidades rurbanas, os espaços públicos continuam sendo relevantes, com os seus vários lugares de agendamento dos assuntos da localidade. A televisão não consegue eliminar a sua importância como um fórum da cidade, das convivências solidárias e das manifestações dos contrários. O espaço público da audiência da televisão na praça tem as suas especificidades para o chamamento dos participantes ativos dos acontecimentos midiáticos. O espaço público de sociabilidade da juventude na praça da televisão continua quando são exibidos os grandes acontecimentos midiáticos.

Referências

Dicionário da TV Globo: *Programas de dramaturgia & entretenimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, v. 1, Projeto memória das Organizações Globo.

Esteves, João Pissara. *Espaço público e democracia: comunicação, processos de sentido e identidade social*. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos. 2003.

Freyre, Gilberto. *Rurbanização: o que é?* Recife: Massangana, 1982.

Lopes, Maria Immacolata Vassallo, SIMÕES, Silvia Helena, RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summuns, 2002.

Silverstone, Roger. *Porque estudar a mída?.* São Paulo: Loyola, 2002.

Sodré, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002, 268 p.

Trigueiro, Osvaldo Meira. Quando a televisão vira outra coisa: as estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidiana em José de Espinharas/PB. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004.

¹ Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Pesquisador da Rede Folkcom. Membro da Comissão Paraibana de Folclore

² O neologismo – rurbarno ou rurbarização – foi empregado por Gilberto Freyre (1982), para definir uma comunidade que habita um perímetro conceitualmente definido como urbano, mas que na realidade continua mantendo suas características rurais. São cidades com menos de 10 mil habitantes conforme o grau de densidade de ocupação humana nesse perímetro, urbano ou não urbano. Assim como afirma o autor, o conceito de rurbarização é: **Um processo de desenvolvimento socioeconômico que combina com formas e conteúdos de uma só vivência regional – a do Nordeste, por exemplo, ou nacional – a do Brasil como um todo – valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos. Daí o neologismo: rurbarnos (FREYRE, 1982, p. 57).** Os municípios rurais ou como aqui se definiu rurbarnos, são ainda pouco estudados, como afirma José Eli da Veiga (2002). Infelizmente muito pouco se sabe a respeito dos fatores de atração dos municípios rurais. Provavelmente devido à persistente confusão entre espaço rural e setor agropecuário, além do inevitável viés urbano que domina a pesquisa econômica. Por mais estimulantes que sejam as teorias sobre comunicação e desenvolvimento regional, elas só podem fornecer algumas pistas para a análise do fenômeno, pois todas se voltam muito mais para a interpretação do papel protagonista desempenhado pelas aglomerações urbanas do que para as possíveis contribuições coadjuvantes de uma parte dos espaços rurais. Essas comunidades rurbarnas são constituídas de atores sociais anfíbios que navegam em territórios socioculturais do meio rural e do meio urbano, agora conectado pelos circuitos midiáticos e não podem continuar sendo desconhecidas dos estudos de comunicação no Brasil (TRIGUEIRO, 2008).

³ O curso de computação é uma ação do Governo Federal através do Instituto de Desenvolvimento Social e do Trabalho – IDSTP, em convênio com a Prefeitura de São José de Espinharas. O IDSTP oferece às pequenas Prefeituras um curso de informática básica à comunidade que ainda não teve contato com computadores. Em São José de Espinharas, foi realizado no período de 6 a 31 de agosto de 2001. São oferecidas 60 vagas, com a frequência de 20 alunos, entre 16 e 30 anos, por turno, manhã, tarde e noite. O curso tem uma carga horária de 80 horas, e o aluno que concluir recebe o certificado do curso Introdução à Informática Básica.